
COMENTÁRIO

Saúde do homem

Man health

*Maria Zélia Rouquayrol**

Desde tempos imemoriais se conhece o aforismo popular de que os homens são fisicamente mais fortes do que as mulheres, entretanto seu nível de sobrevivência é bem menor do que o destas.

Há cerca de 300 anos, já existia preocupação com a mortalidade diferencial por sexo. A investigação de arquivos de paróquias londrinas revelou um fato que até hoje se repete em quase todo o mundo: as mulheres, embora adoecendo com maior frequência, apresentam taxas de mortalidade menores que as dos homens¹. Assim, portanto, do ponto de vista da resistência, as mulheres são mais fortes do que os homens.

Estudos sobre os diferenciais de mortalidade por grupos de causas na região sudeste do Brasil em 1960, 1970 e 1980², comparando os óbitos masculinos e femininos, constataram que o excesso de mortes de homens estaria associado às mortes violentas. Taxas por causas externas específicas, acidentes de trânsito, suicídios e homicídios dentre outros, referentes ao Brasil em 1988³, mostraram-se mais elevadas no sexo masculino.

Posteriormente, pesquisadores da USP⁴, no trabalho intitulado “Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina”, abordaram

alguns aspectos das diferenças entre a saúde do homem e da mulher, enfocando questões ligadas a fatores biológicos e comportamentais e destacando que as taxas de mortalidade masculina são cerca de 50% maiores e que na distribuição segundo causas, sobressaem as mortes por doenças do aparelho circulatório, seguidas pelos acidentes e violências e que estas causas, na faixa etária de 20 a 39 anos, registram 3 mortes masculinas para cada feminina. Essa constatação foi ratificada pelo IBGE⁵ ao expressar que a mortalidade por causas violentas no homem é 3,6 vezes superior à mortalidade no sexo feminino.

Os autores acima citados⁴, analisando as elevadas taxas de mortalidade entre pessoas do sexo masculino, assim se expressam: “*A observação da maior mortalidade masculina leva a comentar que é difícil interpretá-la justificando-a como devida ao sexo (variável biológica), parecendo muito mais pertinente ser atribuída a fatores sociais e comportamentais (variável gênero). Isso fica claro não somente para as causas externas, mas também para várias causas: câncer de pulmão, doença pulmonar obstrutiva crônica e cirrose hepática, entre outras*”.

O Ministério da Saúde⁶ informa que, em termos de taxas de mortalidade por sexo, referentes às neoplasias em 2003, os valores

* Livre-Docente pela UFC (aposentada) – Técnica da Célula de Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal da Saúde de Fortaleza.

Recebido: 15.07.06
Reapresentado: 10.08.06
Aceito: 20.08.06

são maiores no sexo masculino com mortalidade de 83,4 por 100.000 homens, enquanto no sexo feminino foi igual a 69,1 por 100.000 mulheres. Entretanto, os maiores diferenciais de mortalidade por sexo são concernentes às causas externas. Estas, em 2003 no Brasil, representaram um risco cerca de cinco vezes maior para os homens com taxa de 122,7 enquanto para as mulheres a taxa de mortalidade foi igual a 22,1. Outros exemplos são os elevados coeficientes de mortalidade masculina por câncer de pulmão, cardiopatias e bronquites, associados ao hábito de fumar, que é ainda mais difundido entre os homens do que entre as mulheres. Nessa categoria deve ser incluído, também, dentre os exemplos marcantes, o uso abusivo de bebidas alcoólicas e a conseqüente mortalidade por doença alcoólica do fígado.

Esta causa de óbitos no Brasil ainda faz maior número de vítimas entre os homens do que entre as mulheres.

No Ceará, ocorre fenômeno idêntico ao padrão do Brasil. Revisão recente dos óbitos por doenças e agravos não transmissíveis (DANT) em Fortaleza⁷, refere que não apenas as violências são mais prevalentes entre os homens, mas que, também, as doenças isquêmicas do coração e demais doenças do aparelho circulatório têm ceifado a vida de inúmeros homens jovens dessa capital. Os autores⁷ ao descreverem os diferentes riscos de morte na idade jovem, informam que as mulheres estão menos sujeitas ao alcoolismo e a arruaças (fatores sociais e comportamentais) e conseqüentemente menos expostas ao risco de morrerem por acidentes de trânsito e por homicídio.

Referências

1. MacMahon B, Trichopoulos D. Epidemiology principles and methods. Little, Brown and Company. United States of America. 1996.
2. Chor D, Duchidae MP, Jourdan, AMF. Diferencial de mortalidade em homens e mulheres em localidade da região sudeste do Brasil, 1960, 1970, 1980. Rev Saúde Pública. 1992; 26(4): 246-55.
3. Souza ER, Minayo MCS. O impacto da violência social na saúde pública do Brasil. In: Minayo, MCS organizadora. Os muitos Brasis: saúde e população na década de 80. São Paulo: Hucitec; 1999.
4. Laurenti R, Mello Jorge MH, Gottlieb SLD. Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina. Ciência & Saúde Coletiva 2005; 10(1):35-46.
5. IBGE. Violência mata mais homens que mulheres no país. Estatísticas do Registro Civil. 2005. Disponível <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/>.
6. Ministério da Saúde(BR). [homepage na internet]. Brasília DF; 2003. Disponível www.datasus.gov.br.
7. Rouquayrol MZ, Lima MVN, Canuto OMC, Pinheiro AC, Lima JRC, Guerreiro MFF, Nogueira MB. Doenças e Agravos Não Transmissíveis (DANT). Bol Saúde Fortaleza 2005; 9(2):6-46.

Endereço para correspondência

MARIA ZÉLIA ROUQUAYROL

Rua Canuto de Aguiar, 900/1000 - Meireles
60.160-120 Fortaleza - Ce

E-mail: zelia@fortalnet.com.br